

Literatura Surda em sala de aula: adaptações literárias

Deaf Literature in the classroom: literary adaptations

Taísa Aparecida Carvalho Sales^{1*}

*Universidade Federal de Goiás - UFG
 e-mail: carvalhotaísa@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo trata sobre o passo a passo da realização da produção do livro *Onze Histórias e um segredo: desvendando as lendas amazônicas*, no qual foram adaptadas onze lendas amazônicas para a literatura surda, a saber: “A cobra grande”, de Arlice Lopes Monteiro, “Mapinguari”, de Rubens Mesquita da Silva Junior, “Lenda do Uirapuru”, de Sara Vitor Magalhães, “O boto cor de rosa surdo” e “Lenda da Vitória Régia”, de Suelem Maquiné Rodrigues, “A lenda da Mandioca”, de Tereza de Jesus Albuquerque Moreira, “A lenda do Guaraná”, de Eduardo de Souza Melo, “Lenda do Pirarucu”, de Francisco Pereira de Amorim, “Lenda da Iara”, de Jéssica Amaral Morais, “Kauane, a guerreira surda”, de Lilian Araújo Cerqueira, e “O amor faz nascer um povo: a lenda da família baré surda”, de Nara Neiva Araújo Costa. Apresento um pequeno relato de quem são os autores de cada adaptação e trato do conceito de literatura e literatura surda, apresentando, sucintamente, seus gêneros e temáticas. Para isso, uso como base teórica Antonio Candido (2011), Antonie Conpaghon (2012), Sutton- Spence (2021), Karnopp (2010) e Morgado (2011). Este artigo tem como objetivo principal mostrar os

¹ Professora Efetiva da Universidade Federal de Goiás (UFG), lotada na Faculdade de Letras, no Departamento de Letras: Libras e Tradução. Professora credenciada no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) 2025-2029. Doutora em Letras na área de concentração Linguagem e Sociedade, na linha de pesquisa: Literatura, memória, cultura e ensino, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) / Cascavel (turma 2021-2025). Mestra em Letras, na linha de pesquisa Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados, na Universidade do Oeste do Paraná (Unioeste) / Campus de Cascavel, em 2013. Especialista em Libras e Educação Especial pela Faculdade Eficaz em Maringá-PR, em 2013; Especialista em Literaturas Inglesa e Norte-Americana pela União Pan-Americana de Ensino/Unipan/Cascavel, em 2007; graduada em Letras Port./Inglês, pela Universidade Paranaense Unipar/Cascavel, em 2005. Membro do Grupo de Pesquisa Poéticas do Imaginário e Memória na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)/Campus de Cascavel. Membro do Grupo Núcleo de Estudos Comparados e Pesquisas em Literatura, Cultura, História e Memória na América Latina (NuECP), da Unioeste/CVEL. Membro do Grupo de Pesquisa Literatura em Estudos Transdisciplinares e Residuais (Letrar/UFAM). Membro do Grupo de Estudos das Línguas de Sinais (Gelís/UFBA).

bastidores dessa produção, com os desafios enfrentados e as vitórias conquistadas, além de enfatizar como é valioso o ensino de literatura surda em sala de aula. Dessa maneira, este artigo serve de base de pesquisa sobre essa obra tão rica da literatura surda, para futuros pesquisadores dessas lendas.

Palavras-chave: literatura surda; adaptação; ensino de literatura.

Abstract: This article deals with the step-by-step process of producing the book *Onze Histórias e um segredo: unveil the Amazonian legends*, in which 11 Amazonian legends were adapted for deaf literature, these are: The big snake by Arlice Lopes Monteiro, Mapinguari by Rubens Mesquita da Silva Junior, Legend of Uirapuru by Sara Vitor Magalhães, The deaf pink dolphin and Legend of Vitória Régia by Suelem Maquiné Rodrigues, The legend of Cassava by Tereza de Jesus Albuquerque Moreira, The legend of Guaraná by Eduardo by Souza Melo, Legend of Pirarucu by Francisco Pereira de Amorim, Legend of Iara by Jéssica Amaral Moraes, Kauane, the deaf warrior by Lilian Araújo Cerqueira and Love gives birth to a people: the legend deaf baré family by Nara Neiva Araújo Costa. I present a short account of who the authors of each adaptation are. I deal with the concept of literature and deaf literature, succinctly presenting its genres and themes, for this I use as a theoretical basis Anotnio Candido (2011) Antonie Conpaghon (2012), Sutton-Spence (2021), Karnopp (2010), Morgado (2011). This article's main objective is to present the behind-the-scenes of this production, showing the challenges faced and the victories achieved and how valuable teaching deaf literature in the classroom is. In this way, this article serves as a basis for research on this rich work of deaf literature, for future researchers of these legends.

Keywords: Deaf literature; adaptation, teaching literature.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo apresentar a realização de um sonho: publicar um livro ao finalizar as adaptações das lendas amazônicas para a literatura surda, como proposta de avaliação de uma disciplina. Este artigo, portanto, não segue uma linha científica, mas trata-se de um relato emocionante de como a literatura muda a vida da gente. Pretendo expor o passo a passo de como se desenvolveu o livro *Onze Histórias e um segredo: desvendando as lendas amazônicas* (Sales, 2016) até sua publicação, discorrendo sobre os desafios enfrentados e o encorajamento para prosseguir.

Aproveito o momento para falar sobre definição de literatura e apresento que o termo provém do latim *Littera*, que significa letra, pois, inicialmente, a literatura era relacionada com a gramática, provavelmente por uma definição grega – *grammatikee*, que diz respeito ao uso estético da linguagem escrita, à arte literária (Morgado, 2011). No entanto, historicamente o conceito de literatura tem se alterado ao longo do tempo e pode ser definido de diversas formas, por críticos literários como Calvino (1997, p. 77), para quem “[a] literatura segue itinerários que costeiam ou transpõem as barreiras das interdições, que levam a dizer o que não podia ser dito; inventar em literatura é redescobrir palavras e histórias deixadas de lado pela memória coletiva e individual”.

Essa definição traz um afastamento do conceito científico da disciplina, sustentada pelos manuais de ensino de literatura, pois tem um caráter artístico. Para Eagleton (2006), a literatura, como entende o senso comum, é ideologia; assim como a religião, é guardiã das relações de poder e de controle ideológico, materializando crenças e supostas convicções em práticas, relacionando-se às questões de poder social. Ou seja, a definição de literatura nos leva a entender que, a depender da maneira com que alguém resolve ler, e não da natureza do texto, as obras vão adquirindo significações plurais e móveis, construídas entre o encontro de uma proposição com uma recepção.

Não pude deixar de recorrer à definição apresentada por Antonio Candido (2011), mesmo sabendo que a questão “o que é literatura” é permanente, enquanto sua resposta é provisória, nas palavras de Marisa Lajolo (2001). Para Candido (2011, p. 76), a literatura é uma manifestação universal:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo a literatura aparece claramente

como **manifestação universal de todos os homens em todos os tempos** (Candido, 2011, p. 176, grifo nosso).

Essa “manifestação de todos os homens e em todos os tempos” se fez presente na história de vida dos surdos, pois eles, também, transmitiram uns aos outros suas histórias e sua literatura por meio da língua de sinais. Isso ocorreu até o aparecimento das tecnologias que permitiram registrá-las, de forma muito semelhante ao que se passou com a literatura oral dos povos pré-colombianos na América que, antes de ser registrada pela palavra escrita, era contada e recontada, de geração a geração, para a manutenção da memória coletiva, como forma de registro do passado e das raízes desses povos (Cascudo, 2006).

Para Gonçalves Magalhães (1836, p. 1),

[...] a literatura de um povo é o desenvolvimento do que ele tem de mais sublime nas ideias, de mais filosófico no pensamento, de mais heróico na moral e de mais belo na natureza; é o quadro animado de suas virtudes e de suas paixões, o despertador de sua glória e o reflexo progressivo de sua inteligência. E, quando esse povo, ou essa geração, desaparece da superfície da terra, com todas as suas instituições, crenças e costumes, escapa a literatura aos rigores do tempo para anunciar às gerações futuras qual fora o caráter e a importância do povo, do qual é ela o único representante na posteridade. Sua voz, como um eco imortal, repercute por toda parte, e diz: em tal época, debaixo de tal constelação e sobre tal ponto do globo existia um povo cuja glória só eu a conservo, cujos heróis só eu conheço. Vós, porém, se pretendeis também conhecê-lo, consultai-me, porque eu sou o espírito desse povo e uma sombra viva do que ele foi.

Dessa maneira, a literatura é entendida como um registro histórico, deixada como herança, a qual apresenta a língua, a cultura e a comunidade de um povo.

É importante ressaltar que a comunidade surda tem lutado pelo direito de ser representada na literatura surda e ter acesso à literatura em geral. Isso tem acontecido por

meio de festivais culturais nas associações e escolas de surdos, nas universidades, com ampla produção de alunos surdos e ouvintes. Mas é na internet, por meio das redes sociais e da plataforma do YouTube, que uma verdadeira revolução está sendo presenciada, pois escritores, poetas e artistas surdos e ouvintes estão com suas páginas extremamente ativas, a exemplo da poeta Renata Freitas,² do *slammer* Edinho Santos,³ dos escritores Lucas Ramon⁴ e Fabiano Souza.⁵ Essa explosão literária tem contribuído muito para o crescimento e o reconhecimento da literatura surda.

CONTEXTUALIZANDO A LITERATURA SURDA

As crianças surdas ficavam em internatos de escolas de surdos, e da mesma forma que as línguas de sinais no mundo todo se desenvolviam nesses ambientes, com a literatura não foi diferente. Surgiu naturalmente, em cada país, logo que nasceu a língua de sinais. À medida que a língua de sinais foi se desenvolvendo, nasceram as primeiras histórias em mímicas, as primeiras imitações, sempre dentro dos internatos e longe dos supervisores oralistas. O fato de a língua de sinais ter sido proibida fez crescer aos surdos a necessidade de usá-la ainda mais, fortalecendo e estruturando as histórias a cada vez que eram contadas (Morgado, 2011).

Os surdos mais antigos relatam que os colegas com uma condição de vida melhor iam ao cinema, assistiam a filmes e quando podiam os transmitiam aos colegas do internato. Admiravelmente, tem-se registro de que isso aconteceu em dois países, Portugal e França. No documentário *O país dos surdos* (*Le pays des sourds*, 1992), um

² Disponível em: https://www.instagram.com/renata_freitas_libras/

³ Disponível em: <https://www.instagram.com/edinhopoesia/>

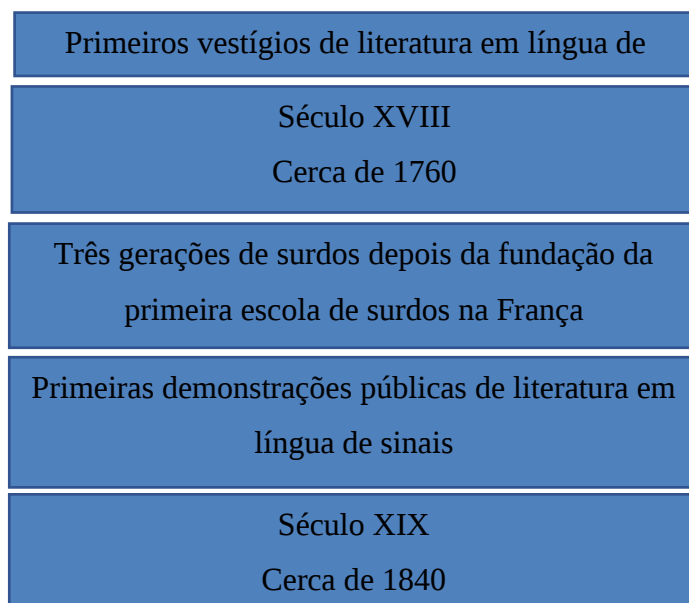
⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/ramonlucas028/>

⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/fabianosoutorosa/>

professor surdo francês conta que quando era pequeno gastava todo o dinheiro que sua mãe lhe dava para ir ao cinema e, depois da escola, descrevia tudo aos seus colegas. Em Portugal, o antigo presidente da associação portuguesa de surdos, João Alberto Ferreira, conta que, na sua infância, tinha o hábito de descrever filmes de *cowboys* e de ação, pois era um dos poucos que tinha a possibilidade de assisti-los (Morgado, 2011). Há estudos comparativos com a língua de sinais americana e a língua de sinais britânica, realizados por Sutton-Spence, que demonstram que ambas tem semelhanças culturais riquíssimas e apontam que mesmo sendo de países diferentes os surdos parecem identificar-se com uma nação sem território.

No livro *Understanding Deaf Culture: In Search of Deafhood* de Ladd (2003), há uma fotografia de um dos famosos banquetes de surdos na França, por volta de 1840, em que os adultos se juntavam para conversar, discutir política e artes e exaltar a beleza da língua de sinais. De acordo com a autora, esses convidados surdos eram de vários lugares da França e de países vizinhos. Os surdos idosos continuam a transmitir a herança cultural aos mais jovens, normalmente nas associações, como segunda casa para eles, pois as escolas já não são mais internatos e também muitos surdos estudam em escolas inclusivas. Nas associações eles contam histórias, piadas e também apresentam teatros, incentivando a literatura e a cultura surdas. Pesquisas no campo da linguística demonstram que é preciso três gerações para que a língua fique estruturada. Nesse contexto, imagina-se que os surdos teriam criado a literatura contando histórias visuais, muito provavelmente a partir da terceira geração escolar de surdos.

Figura 1 - Primeiros vestígios da literatura em língua de sinais



Fonte: diagrama produzido pela autora

Entende-se, por literatura surda, todo registro histórico deixado como herança, o qual apresenta a língua, a cultura e a comunidade de um povo.

Figura 2 - Diagrama



Para Karnopp (2010, p. 161), a

A literatura surda é, portanto, uma nomenclatura que engloba todas as obras que tratam sobre a pessoa surda, sua língua e sua cultura, em todos os aspectos.

Karnopp foi a pesquisadora que trouxe à discussão o termo literatura surda, a qual é referida, por vezes, como Literatura em Libras, sendo necessário esclarecer sobre a construção de uma linha de entendimento. Segundo a pesquisadora Rachel Sutton-Spence (2021, p.27),

[...] literatura em Libras é principalmente a literatura de uma comunidade surda, do “povo do olho” (em inglês “People of the Eye”). Por isso tem características compartilhadas com outras

comunidades surdas mundiais. Por exemplo, a experiência de se perceber o mundo principalmente através da visão e não através dos sons gera literaturas surdas com foco principal nas imagens visuais em qualquer país. A experiência compartilhada pelos surdos como um grupo minoritário no contexto da sociedade dos ouvintes cria muitos tópicos parecidos nas literaturas mundiais dos surdos.

Já a Literatura em Língua de Sinais acontece no ao vivo ou em vídeos, em que a língua de destaque é a língua de sinais. A literatura visual engloba as imagens visuais, o texto não verbal. Exemplos dessa literatura são os livros de imagens, gibis, histórias em quadrinhos, teatro sem palavras e a mímica (Sutton-Spence, 2021, p. 43). Sutton-Spence (2021) concebe o Visual Vernacular (VV) como uma linguagem na intenção de criar imagens visuais em forma de gestos. No entanto, ainda são necessários estudos mais aprofundados para entender melhor o seu lugar na literatura surda. O VV pode ser comparado a filmes mudos ou sequências de imagens, pois se utiliza de configurações de mãos, expressões faciais e técnica de incorporação em um plano específico.

Tem também a literatura escrita em língua de sinais, como Sign Writing, ELIS, Sistema de escrita para a língua de sinais SEL e VisoGrafia e/ou língua portuguesa, sendo todos registros histórico-culturais, pois os surdos são bilíngues.

A literatura surda se divide nas seguintes classificações: tradução, adaptação e criação. As traduções são obras originárias em língua portuguesa, aqui no Brasil, e foram traduzidas para a Libras. Isso aconteceu com alguns clássicos da literatura brasileira e da literatura mundial, disponibilizados à venda na editora “Arara Azul”, na coleção “Clássicos da Literatura em CD-R em Libras/Português”:

Figura 4 - Obras da literatura nacional e mundial traduzidas para a Libras



Fonte: imagens organizadas pela autora

As obras adaptadas consistem em atualizações de discurso, ou seja, adequar um texto ou uma obra de arte às peculiaridades e características do discurso em voga na época a que pertencem, englobando elementos midiáticos, sociais, econômicos, políticos e os discursos intrínsecos a esses. É um “texto derivado”, resultante de um “texto primário”, original, no qual se baseia, e a partir de uma transformação neste se constitui. É uma ressignificação do original, reproduzido através do tempo pela sua permanência como discurso (Neres; Lacerda, 2023).

Para exemplificar, apresento a obra *Onze histórias e um segredo: desvendando as lendas amazônicas* (Sales, 2016), em que onze lendas amazônicas foram adaptadas para a cultura surda. Esse processo terei a honra de apresentar no próximo tópico.

Figura 5 - Capa do livro *Onze histórias e um segredo: desvendando as lendas amazônicas*



Fonte: Sales (2016)

As criações são representadas pelas obras inéditas criadas por sujeitos surdos. Nos processos de criação, a cultura e a experiência surda são latentes. “Encaixam-se textos originais que surgem e são produzidos a partir de um movimento de histórias e de ideias que circulam na comunidade surda” (Mourão, 2011, p. 3). No Brasil, ainda é pouco o material literário infantil criado pelos sujeitos surdos e disponibilizado ao público, entre os quais podemos citar Tibi e Joca, o Feijãozinho Surdo, Casal Feliz, As estrelas de Natal, entre outros.⁶

⁶ Disponíveis em: <https://librando.paginas.ufsc.br/criacoes/>

Figura 6 - Material literário infantil criado pelos surdos



Fonte: imagens organizadas pela autora

A literatura surda contempla um vasto campo de gêneros literários, como a ficção; oratória ou falar em público (reuniões políticas, sermões); autobiografia = não ficção literária; literatura política – lutam contra a opressão; crônicas – descrições de pessoas, eventos ou vida; literatura religiosa; músicas – ou os textos das canções; poesia; surdez de forma positiva; experiências do narrador envolvendo um personagem surdo (protagonista); resistência surda e libertação; experiências sensoriais de visão e tato; celebração do sucesso da pessoa surda, da comunidade e da língua (Sutton-Spence, 2021).

A LITERATURA SURDA EM SALA DE AULA

O meu trabalho com literatura no curso de Letras Libras, em 2015, teve início com a disciplina de Introdução aos Estudos Literários como curso de férias, pois antes não tinha professor para essa área. Essa disciplina dá uma breve base sobre conhecimentos

gerais de Literatura. No terceiro período do curso, ministrei Libras III, que tratava de metáforas, analogias na língua de sinais; a disciplina de Estudos Culturais e cultura surda trouxe o conhecimento do que é a cultura surda, de seus artefatos, a importância da comunidade surda e da literatura surda e, como avaliação final, os alunos, em duplas, fizeram um artigo correspondente ao artefato pelo qual ficaram responsáveis. Incentivei as alunas Suelem Maquiné Rodrigues e Nara Neiva Araújo Costa, que ficaram com o artefato literatura surda, a fazerem uma adaptação de uma lenda amazônica sob minha orientação, e elas aceitaram. Foi quando a *Lenda do boto cor de rosa surdo* ganhou vida. Ministrei, no mesmo período, a disciplina de Leitura e Produção textual.

No segundo semestre de 2015, quarto período do curso dessa mesma turma, ministrei a disciplina de Literatura em Libras: Produção, Tradução e Interpretação, em que os alunos tiveram contato com mais obras e autores da literatura surda, podendo, assim, ampliar o conhecimento que receberam nas disciplinas anteriores. Como avaliação final, propus que cada aluno escolhesse uma lenda e a adaptasse para a literatura surda, seguindo tudo que haviam aprendido em relação à cultura surda e respeitando a cultura indígena que havia em cada história.

A turma aceitou o desafio e ficaram tranquilos, pois estaríamos, aula a aula, caminhando juntos na construção dessas adaptações. Cada aluno escolheu livremente a lenda fonte da pesquisa. Pesquisaram sobre como relacionar as culturas indígenas e surda e os conceitos e significados a serem usados. Iniciaram a adaptação e em todos os momentos estiveram sob o olhar da professora, com as devidas correções, sugestões etc. Ao observar o andamento dos trabalhos, percebi a grandiosidade daquela proposta que fiz a eles e pensei: por que não transformar isso em um livro? Colocar escrita de sinais? Ter tradução em Libras? Por que não?

Conversei com os alunos e expliquei que tentaria achar parceiros que acreditassem em nós, pois as lendas adaptadas valeriam a pena pela sua qualidade e este se tornaria um

trabalho lindo, acessível aos surdos, aos pequenos, aos jovens surdos amazonenses. A disciplina se encerrou com as lendas adaptadas. O trabalho dos autores tinha acabado e o meu, de orientadora, passou para lutadora em busca de um sonho.

Continuei a ministrar outras tantas disciplinas com a turma e para outras turmas também e digo a vocês que poder estar, a cada semestre, com as turmas faz com que o professor consiga construir e desenvolver com muita qualidade seu trabalho; ademais, o aluno aprende de uma forma extraordinária. Então, construímos um lema: o nosso maior objetivo era que as crianças, adolescentes surdos amazonenses, principalmente, pudessem ter acesso às lendas de sua região e se identificassem, com orgulho, como surdos amazonenses, a partir da apropriação dessa releitura.

A partir disso, procurei por um ilustrador que aceitasse fazer as imagens das lendas sem cobrar nada, pois não tínhamos como pagar por esse trabalho, tendo oferecido, enquanto grupo: “se conseguirmos fazer um livro deste material, seu nome constará nele”. Então, o professor Edilson Moraes⁷ aceitou essa missão e fez maravilhosas ilustrações, que embelezaram nossas lendas.

Dentre os autores, uma aluna era formada em Letras Português, assim como eu, então ambas fizemos a primeira correção em língua portuguesa. O próximo passo foi chamar professores fluentes em Libras, dispostos a me ajudar na orientação aos alunos para traduzirem as lendas para Libras. Nesse caso, os professores Iranvith Scantbelruy⁸ e Fábio Stoller⁹ aceitaram e adentraram a nossa equipe de parceiros: cada professor ficou com três alunos e eu, com quatro alunos. Assim, passamos dias, semanas intensas construindo glosas, procurando sinais e estudando o processo de tradução juntamente com os alunos.

⁷ Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8922608900858326>

⁸ Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9736698953197079>

⁹ Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3366252047905020>

Enquanto esse processo acontecia, a tradução para a escrita de sinais ocorria concomitantemente com outra equipe, pois convidamos as professoras Débora Campos¹⁰ e Marianne Stumpf¹¹ para traduzirem a língua portuguesa para a escrita de sinais. Ambas pediram a contribuição dos professores Tom Mim¹² e João Paulo Ampessan,¹³ todos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) na época. Esse processo durou em torno de 8 meses, pois todos atuaram em seu tempo livre, de forma voluntária.

Com a entrega da escrita de sinais, a diagramação foi tomando forma, as lendas em português, em escrita de sinais, com as ilustrações e todas as informações necessárias, só faltava encontrar alguma editora para publicar. Após procurar por vários contatos editoriais sem taxas, e sem obter respostas positivas, já estávamos quase desistindo desse sonho quando fui informada sobre o APOEMA – Núcleo de Tecnologia Assistiva,¹⁴ atual Espaço Curupira, do Instituto Federal do Amazonas (Ifam), coordenado pelo prof. Dr. Dalmir Pacheco. Agendei um encontro no dia 11/11/2016 e lá pude apresentar o que já tinha pronto e a vontade de gravar as lendas em Libras. As palavras positivas e incentivadoras que ouvi naquele dia apagaram todos os ‘nãos’ que ouvi por meses. Então, o processo oficial de diagramação iniciou e o Apoema começou a sua busca para deixar o ambiente propício para as gravações: adquiriram câmeras profissionais, suporte e fundo infinito para vídeos, de modo a que pudéssemos realizar as gravações com melhor qualidade. Nosso livro tomou, então, esta forma:

¹⁰ Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9003780617085002>

¹¹ Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/7892856/marianne-rossi-stumpf>

¹² Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/6856261/tom-min-alves>

¹³ Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3392494019608347>

¹⁴ Disponível em:
https://linktr.ee/espaco.curupira?fbclid=PAZXh0bgNhZW0CMTEAAaahjWFAZ54VeSfBnJdkx-P6y6EEVqr9QpBrHWbxOLL08p0QQ7-F3zdB6IA_aem_5MHfBZ0gC-aa09H4UC7dKQ

Figura 7 - Capa da obra Onze histórias e um segredo: desvendando as lendas Amazônicas



Fonte: Sales (2016)

Figura 8 - Autores

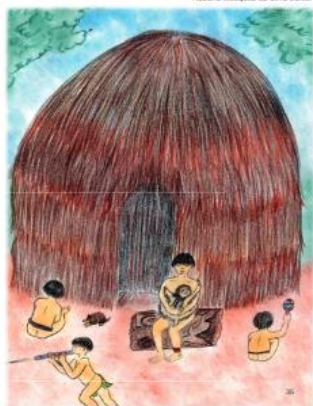


Arlice Lopes Monteiro

Professora – Auxiliar de Vida Escolar Seduc-AM (2021). Professora de Língua Brasileira de Sinais (Libras) no Centro de Educação Tecnológica do Amazonas (Cetam). Graduada em Letras – Libras pela Universidade Federal do Amazonas (2018). Pós-Graduada em Gestão Educacional com Ênfase em Administração, Supervisão, Orientação e Inspeção Escolar – FASE (2015). Habilitada pelo Exame Nacional de Certificação em Proficiência no Ensino da Libras – 7º ProLibras – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (2015). Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário do Norte – Uninorte (2013).

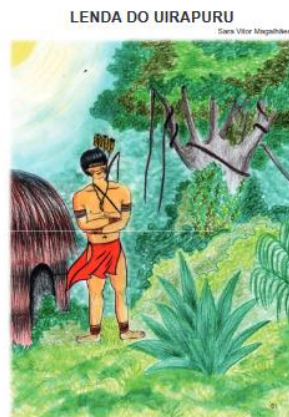
MAPINGUARI

Rubens Mesquita da Silva Junior



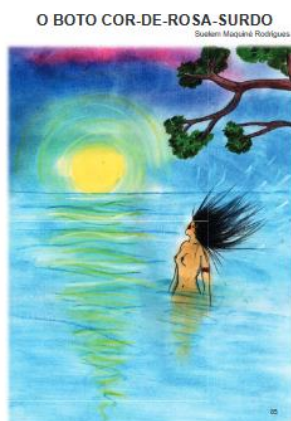
Rubens Mesquita da Silva Junior

Possui graduação em Letras – Libras pela Universidade Federal do Amazonas (2017), possui o nível avançado de Libras pelo CAS, atuou como instrutor de autoescola, cursando Pós-Graduação em Engenharia e Gestão de Trânsito, atuando, principalmente, nos seguintes temas: educação de surdos, lendas adaptadas e sinais, libras, surdo.



Sara Vitor Magalhães

Graduada em Licenciatura plena em Letras-Libras, pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Professora/Tutora no Centro Universitário Leonardo da Vinci – Uniasselvi. Membro do grupo de pesquisa Literatura em Estudos Transdisciplinares e Residuais, da Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Participa do Projeto de Extensão PRALER: L2 para surdos, da Universidade Federal do Amazonas (Ufam).



Suelem Maquiné Rodrigues

Professora efetiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Doutoranda Renoen (UFC), Mestra em Ensino Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. Possui especialização em Libras (Língua Brasileira de Sinais) pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2015) e graduação em Letras pela Universidade Federal do Ceará, graduação em Letras – Libras pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Membro do grupo de pesquisa Literatura em Estudos Transdisciplinares e Residuais, da Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Finalista do projeto de pesquisa “Um valioso e indispensável caminho para a literatura: adaptações literárias na literatura surda” (Pibid 2016/2017). Membro do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Especiais, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (Napne/IFCE). Membro do grupo de pesquisa “Formação de professores, política educacional e desigualdade social (Forped).

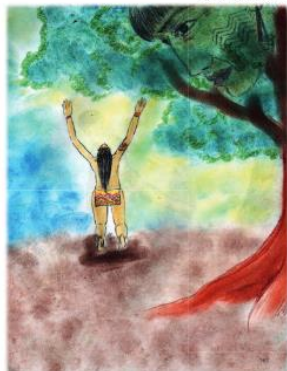


Tereza de Jesus Albuquerque Moreira

Graduada em Letras Libras pela Universidade Federal do Amazonas em março/2018. Técnica Administrativo da Universidade Federal do Amazonas desde julho de 2002. Cursa Pós-graduação em Educação Especial.

A LENDA DO GUARANÁ

Eduardo de Souza Melo



Eduardo de Souza Melo

Possui graduação em Letras – Libras pela Universidade Federal do Amazonas (2018), especialização em Libras pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2021), especialização em Segurança Pública pelo Instituto Facuminas EaD Ltda. (2022). Tem experiência na área de Letras.

LEENDA DO PIRARUCU

Francisco Pereira de Amorim



Francisco Pereira de Amorin

Graduado em Matemática e Letras - Libras na Universidade Federal do Amazonas (2000 e 2018). Trabalha na Secretaria de Estado de Educação e Desporto Escolar e professor de matemática na Escola Estadual Professor Otávio Mourão.



Jéssica Amaral Moraes

Mestre em Ensino de Ciências e Matemática pelo PPGEICIM Ufam (2024); Licenciatura Plena em Matemática pela Ufam (2013); Licenciatura em Letras Libras pela Ufam (2018). Pós-graduada em Docência Universitária e Educação Especial e Inclusiva pela Censupeg Manaus. Pós-graduada em Libras pela Uniasselvi Manaus. Graduanda do curso de Bacharel em Teologia pela UniFATECIE-PR (2024). Autora de um capítulo do Livro *Onze histórias e um segredo: desvendando as lendas amazônicas*, uma adaptação de algumas lendas amazônicas para, além de ouvintes, para a comunidade surda e pessoas cegas.

KAUANE, UMA GUERREIRA SURDA
Lilian Araújo Cerqueira



Lilian Araújo Cerqueira

Possui graduação em História pela Universidade Nilton Lins (2009). Atualmente, é Professora em Escola da Seduc e Semed. Tem experiência na área de História, com ênfase em História. Graduanda em Licenciatura Letras - Libras pela Universidade Federal do Amazonas.

O AMOR FAZ NASCER UM POVO: A
LENDA DA FAMÍLIA BARÉ SURDA
Nara Neiva Araújo Costa



Nara Neiva Araújo Costa

Graduada em Geografia pelo Centro Universitário do Norte (2015) e em Letras – Libras pela Universidade Federal do Amazonas (2019). Especialista em Libras – Uniasselvi (2019). Tem experiência na área de Geografia, atuando como professora estatutária da rede pública de ensino do Amazonas – Seduc/AM. Atuou como tutor (a) externo do Centro Universitário Leonardo da Vinci – Uniasselvi, no curso Letras – Libras e outras licenciaturas. Possui proficiência em Tradução/Interpretação pelo Centro de Atendimento ao Surdo (CAS) - Seduc/AM. Áreas de estudos e publicação: literatura surda, Libras e acessibilidade.

Em maio de 2017, iniciamos as gravações, cada professor/orientador acompanhava seus alunos, agendamos de um jeito que os alunos não perdessem aulas, não faltassem aos seus trabalhos e também se encaixassem com os horários disponíveis para a equipe do APOEMA.

Figura 9 - Gravação



Fonte: imagens organizadas pela autora

No dia 30/11/2017, lançamos a obra em formato de DVD, pois ainda não havia chegado a verba para a impressão do livro. Mesmo assim, estávamos tão contentes e realizados, pois tudo estava caminhando para a realização de um sonho: ter um material acessível a todos. No dia 21/02/2018, recebi os DVDs para distribuir à comunidade surda, então, enviamos para a escola de surdos de Manaus e de muitas universidades federais que tinham o curso de Letras Libras, para que pudessem conhecer nosso trabalho.

Figura 10 - Entrega dos DVDs



Fonte: imagens disponibilizadas pela autora

No dia 09/05/2018, aconteceu a entrega dos livros impressos e a realização de um sonho estava completa: recebemos um livro com as lendas adaptadas para a literatura surda, constando a escrita de sinais, ilustrações que valorizaram ainda mais o texto, com um DVD anexado à obra com as histórias traduzidas para Libras e com áudiodescrição para pessoas cegas. Recebemos também um *link* de acesso¹⁵ para fazer *download* gratuito da obra em PDF e dos vídeos, dando acesso a todos.

¹⁵ Link para download: <https://goo.gl/RDNECC>

Entreguei um exemplar para cada parceiro do nosso livro, os autores ficaram com cinco exemplares, enviamos um exemplar para cada universidade federal com curso de Letras Libras e enviamos para algumas escolas bilíngues de surdos que tínhamos conhecido. Os demais exemplares estão no APOEMA e são disponibilizados em eventos e aos professores que entram em contato, solicitando-os.

Figura 11 - Entrega dos exemplares



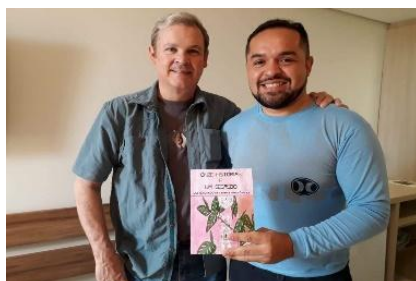
Fonte: imagens disponibilizadas pela autora

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de e-mails e Whatsapp, enviamos os *links* e pdfs para todos os contatos que tínhamos e fazemos isso até hoje. Já existem várias publicações de estudos e pesquisas sobre o livro, como TCCs e artigos. Citações em livros, pesquisas de mestrados e doutorados, *sites* de estudos de literatura surda e escrita de sinais.

Contamos com a ajuda de alguns colegas para levarem nosso livro para o exterior:

Figura 12 - Entrega dos exemplares



O professor Edgar Correa Veras levou ao Prof. Keith Cagle, da Universidade Gallaudet, em agosto de 2018.

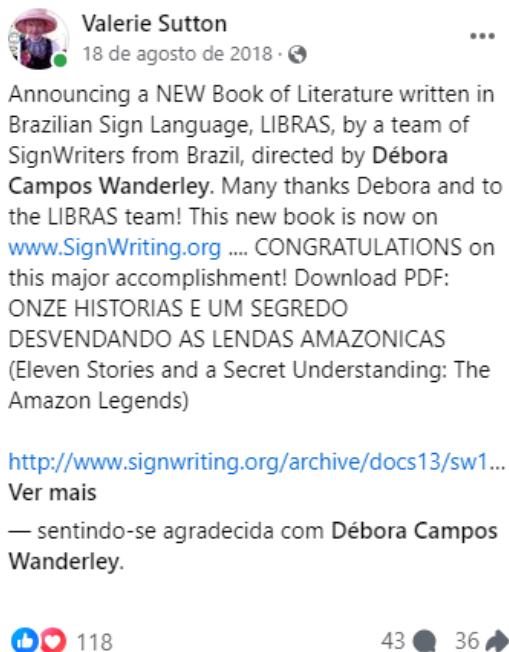


A professora Laura Amaral Kummel Frydryc levou ao Instituto Nacional de Jovens Surdos, de Paris, em novembro de 2018.

Fonte: imagens disponibilizadas pela autora

Em agosto de 2018, uma de nossas parceiras, a professora Débora Campos, enviou um exemplar para Valerie Sutton, a criadora da escrita de sinais, em 1974.

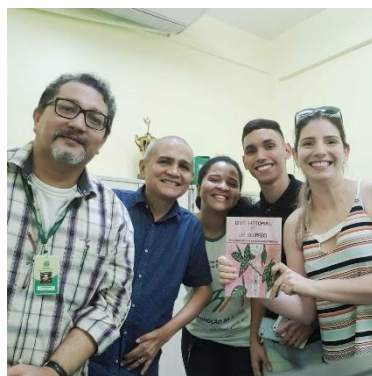
Figura 13 - Post de Valerie Sutton



Fonte: imagem disponibilizada pela autora

Em 2022, conseguimos a 2ª edição, no formato e-book, e vídeos para *downloads* gratuitos, pela Editora da Universidade Federal do Amazonas – Edua/Ufam. Na imagem a seguir, o registro do acerto entre as editoras para a parceria da 2ª edição, no dia 23/08/2018, sendo que a publicação aconteceu em 19/10/2022, com esses links – livro em PDF: https://bit.ly/EDUA-11Historias-SALES_T e livro em DVD: <https://bit.ly/EDUA-11historias>.

Figura 14 - Entrega do livro



Fonte: imagens disponibilizadas pela autora

Então, leitor, faça *download* dessa obra, leia as histórias, veja os vídeos em Libras, aprenda sobre a diversidade na tradução da escrita de sinais e use esse material em sala de aula. Você, pesquisador, tem nossa autorização para pesquisar, analisar, esmiuçar nossas lendas em trabalhos de conclusão de curso nas graduações, em especializações, em mestrados e doutorados, pois o nosso maior desejo é que chegue ao máximo de pessoas possível. Sonhamos com o dia em que, em seu formato impresso, chegue às escolas bilíngues de surdos, mas, enquanto isso não acontece, faça sua parte e nos ajude a divulgar.

REFERÊNCIAS

CALVINO, I. A combinatoria e a arte da narrativa. In: LUCCIONI, G. *et al.* *A atualidade do mito*. São Paulo: Duas Cidades, 1997. p. 75-80.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: CANDIDO, Antonio. *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas cidades; Editora 34, 2002. p. 77-93.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. São Paulo: Ouro sobre azul, 2011.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Global, 2006.

COMPAGHON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

DALCIN, Gladis. *Psicologia da Educação de surdos*. Apostila do curso em Letras Libras em modalidade a distância. Florianópolis: UFSC, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9184>. Acesso em: 21 ago. 2021.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad. de Waltensir Dutra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

KARNOPP, Lodenir. Becker. *Literatura Surda*. Florianópolis: CCE: UFSC, 2008.

KARNOPP, Lodenir. Becker. *Literatura Surda. ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v. 7, n.º 2, p.98-109, jun. 2006. Disponível em: <http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd>. Acesso em: 3 jun. 2022.

KARNOPP, Lodenir Becker. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. *Cadernos de Educação*, Pelotas, v. 36, p. 155-174, maio/ago. 2010.

KARNOPP, Lodenir. Becker. KLEIN, Madalena. Narrativas e diferenças em língua brasileira de sinais. *Em Aberto*, Brasília, v. 29, n. 95, p. 95-108, jan./abr. 2016

LAJOLO, Marisa. *Literatura: leitores e leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.

MAGALHÃES, Gonçalves. Ensaio sobre a História da Literatura do Brasil. Nitheroy. *Revista Brasiliense*, Paris, tomo primeiro, n.º 1, 1836. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=28306>. Acesso em: 28 out. 2024.

MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. Literatura surda: produções culturais de surdos em língua de sinais. In: KARNOPP, Lodenir; KLEIN; Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise (org.). *Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. Canoas: ULBRA, 2011.

MORGADO, Marta. Literatura em Língua Gestual. In: KARNOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; LAZZARIN, Márica Lise Lunardi (org.). *Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. Canoas: Ulbra, 2011. p. 151-171.

SALES, Taísa Aparecida Carvalho. *Onze Histórias e um segredo: desvendando as lendas amazônicas*. 2. ed. Manaus: EDUA, 2021.

SUTTON-SPENCE, Rachel. *Literatura em Libras*. Trad. de Gustavo Gusmão. Petrópolis-RJ: Arara Azul, 2021.

Data de recebimento: 02/09/2024

Data de aprovação: 22/11/2024